



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA CAMPOS VII – CODÓ
COORDENAÇÃO DO CURSO LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA**

SHEILA CRISTINA RIBEIRO DA CRUZ

MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS:

História, cultura e resiliência quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA

**MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS : História, cultura e resiliência quilombola
Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA**

SHEILA CRISTINA RIBEIRO DA CRUZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências do Campus de Codó, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira.

Ficha Catalográfica

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pela autora.
Diretoria Integrada de Biblioteca UFMA

Cruz, Sheila Cristina Ribeiro da.

Mulheres negras quilombolas: História, cultura e resiliência quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA / Sheila Cristina Ribeiro da Cruz. - 2023.

53 f.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.
Monografia(Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó,2023.

1. Mulheres quilombolas. 2. História. 3. Cultura. 4. Resistência. I. Oliveira, Kelly Almeida de. II. Título.

SHEILA CRISTINA RIBEIRO DA CRUZ

MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS:

História, cultura e resiliência quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA

Aprovado em: 14/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
Orientadora

Profa. Ma. Soraia Lima Ribeiro de Sousa (UFMA)
Co-Orientadora

Profa. Ma. Maria Raquel Barros Lima (SEDUC/MA)
1° Avaliadora

Prof. Dr. Dilmar Kistermacher (UFMA)
2° Avaliador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos em primeiro lugar a Deus, porque sem Ele eu nada seria e jamais teria chegado até aqui. Agradeço aos meus filhos, Pablo Henrique e Hudson Rafael, por se deslocarem de casa comigo até a Universidade, para que eu não perdesse um dia de aula. Não poderia esquecer do pai dos meus filhos, que deixou suas prioridades educacionais para que eu ingressasse na Universidade e chegasse até a conclusão do curso.

Nesta caminhada de quatro anos muitas pessoas se tornaram importantes e essenciais para que hoje eu estivesse onde estou, como a minha cunhada Lisboa, pelos conselhos, ajudas e explicações. Também quero agradecer a minha sogra dona Francisca, pela paciência, puxões de orelhas, porque muitas vezes nesta jornada pensei em desistir, mas aqui estou.

Na UFMA, conheci muitas pessoas que se tornaram especiais pra mim e que levarei para a vida. Conheci uma pessoa virtualmente, Francisca Diones, que tem até hoje meu respeito e admiração, se tornou uma amiga/irmã. Na UFMA Codó, durante quatro anos convivi com pessoas que formamos elos fraternos como: Alice Mayara, Caio, Francisca Torres, Gisele, João Paulo, José Raimundo, Railson e Inês. Foram e são pessoas mais que especiais para mim.

Estendendo meus agradecimentos aos professores na Universidade, que de todas as formas me ajudaram até aqui, compreendendo as minhas ausências e minhas dificuldades. Agradeço aos professores: Alexandre, Alana, Alex, Maria Raquel, Edyene, Liliane, Jascira, José Carlos Aragão, Hernani, Jonas, Domingos e Dilmar mais uma vez obrigada a todos.

Não esquecendo de agradecer a todos que fazem parte do NAE (Núcleo de Assistência Estudantil) por me ajudarem sempre que solicitei na presença de Ravana Guimarães e Soraia Lima, meus sinceros agradecimentos a vocês. E a todos do laboratório de informática, da limpeza, da vigilância, firmando grandes amizades.

A psicóloga da UFMA Maralice Sousa, por me ajudar a cuidar de minha saúde emocional, porque, a universidade nos desgasta, ainda mais com as circunstâncias do nosso dia-a-dia.

Agora o meu agradecimento final fica para a minha orientadora Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira, que me ajudou para que a minha pesquisa se concretizasse. Foram muitos altos e baixos, mas chegamos até aqui, juntas.

Queria que meus avós e minha mãe estivessem presenciando este momento, que eles tanto sonharam um dia comigo, mas sei que eles estão olhando por mim e torcendo por esta conquista, e por saber que nesta trajetória na Universidade eu encontrei pessoas maravilhosas para que minha vida não ficasse vazia e chegasse até aqui com o apoio de cada um.

Encerro meus agradecimentos a todos vocês que citei aqui. Esta foi uma forma que encontrei de agradecer por todo apoio. Muito obrigada mais uma vez.

Esta conquista é minha e de todos vocês!

No sol escaldante dos quilombos
Mulheres valentes se levantam,
Com força e empoderamento,
Desafiam as amarras que as prendiam.

No trabalho árduo colhem o babaçu
Fruto sagrado de resistência e luta,
Elas são sementes da ancestralidade,
Preservando tradições e sua cultura.

Mulheres quilombolas, guerreiras do coco,
Carregam nas mãos a riqueza da terra,
Com suas fibras e óleos preciosos,
Espalham a beleza e a cura por toda a serra.

Com suas mãos habilidosas,
Transformam o babaçu em arte,
Em saberes antigos e essenciais,
Preservando parte a parte.

No tambor do coco elas ecoam,
Ritmos de resistência e união,
Cantam histórias de suas vidas,
Nos corações e esbanja emoções.

Nas rodas de coco, na dança sagrada,
Elas mostram sua força e sua coragem,
Resgatam a memória de suas raízes,
E levam adiante o legado da mensagem.

Mulheres quilombolas e coco babaçu,
Unidas na essência da resistência,
Celebram a vida com amor e gratidão,
Enaltecendo sua existência.

(Sheila Cristina)

A todas as mulheres quilombolas

RESUMO

A presente pesquisa aborda o papel das mulheres quilombolas da comunidade Santo Antônio dos Pretos, situada em Codó, no Maranhão, no ensino de história. Teve como objetivo geral compreender como se dá a preservação da história, cultura e das tradições quilombolas aparti das narrativas das mulheres do quilombo Santo Antônio dos Pretos. A partir de um enfoque interdisciplinar, o estudo tem como objetivos específicos compreender como a história local e as tradições ancestrais das mulheres quilombolas podem ser integradas ao currículo escolar, promovendo um ensino mais contextualizado e valorizando a identidade e a memória dessas comunidades; analisar os desafios enfrentados por essas mulheres na luta pela preservação de suas tradições e na construção de espaços de resistência frente à marginalização e à invisibilidade histórica; e, investigar as estratégias e práticas desenvolvidas por elas para fortalecerem a transmissão e o ensino de conhecimentos tradicionais. A pesquisa é qualitativa, organizada em duas etapas: bibliográfica e de campo. No referencial teórico, enfatizamos os estudos Nascimento (1980; 2016), Oliveira (2021) e Akotirene (2019)). A etapa de campo conta com entrevistas e relatos das mulheres quilombolas, sobre suas vivências no ensino de história e como elas utilizam sua cultura e tradição como base para a construção de uma educação mais inclusiva e plural para contribuir com a valorização de suas experiências e saberes. Entre os resultados, apresentamos propostas e recomendações para que as práticas pedagógicas sejam mais sensíveis às demandas e especificidades das mulheres quilombolas, reconhecendo sua importância na formação da identidade e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Concluimos que é necessário enfatizar o potencial transformador da inserção dos conhecimentos e tradições quilombolas no ensino de história, contribuindo para a valorização da diversidade cultural e para a desconstrução de estigmas e preconceitos presentes na sociedade.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas. Memórias. História. Cultura. Resistência.

ABSTRACT

This research addresses the role of quilombola women from the Santo Antônio dos Pretos community, located in Codó, Maranhão, in teaching history. The general objective was to understand how the history, culture and quilombola traditions are preserved through the narratives of the women of the Santo Antônio dos Pretos quilombo. From an interdisciplinary approach, the study's specific objectives are to understand how the local history and ancestral traditions of quilombola women can be integrated into the school curriculum, promoting more contextualized teaching and valuing the identity and memory of these communities; analyze the challenges faced by these women in the fight to preserve their traditions and in the construction of spaces of resistance in the face of marginalization and historical invisibility; and, investigate the strategies and practices developed by them to strengthen the transmission and teaching of traditional knowledge. The research is qualitative, organized in two stages: bibliographic and field. In the theoretical framework, we emphasize the studies Nascimento (1980; 2016), Oliveira (2021) and Akotirene (2019)). The field stage includes interviews and reports from quilombola women, about their experiences teaching history and how they use their culture and tradition as a basis for building a more inclusive and plural education to contribute to the appreciation of their experiences and knowledge. . Among the results, we present proposals and recommendations so that pedagogical practices are more sensitive to the demands and specificities of quilombola women, recognizing their importance in the formation of identity and the construction of a more just and egalitarian society. We conclude that it is necessary to emphasize the transformative potential of including quilombola knowledge and traditions in history teaching, contributing to the appreciation of cultural diversity and the deconstruction of stigmas and prejudices present in society.

Key words: quilombola women, memories, history, culture, resilience.

LISTAS DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Quilombo dos palmares..... | 19 |
| Figura 2. Comunidades quilombolas por estado..... | 21 |
| Figura 3. Ranking da população quilombola no Brasil..... | 22 |
| Figura 4. Entrevista com Dona Elzirene. | 26 |
| Figura 5 Comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos. | 27 |
| Figura 6. Entrevista com dona Evelta..... | 29 |
| Figura 7. Nível de escolaridade | 30 |
| Figura 8. Associação dos remanescentes de quilombo - Território Santo Antônio dos Pretos..... | 32 |
| Figura 9 Atividades realizadas pelas mulheres da comunidade..... | 33 |
| Figura 10 Celebração de rituais nas obrigações de Santa Bárbara..... | 35 |
| Figura 11. Entrevista com dona Maria dos Anjos..... | 36 |
| Figura 12. Manifestações culturais da comunidade | 38 |
| Figura 13. Dandara dos Palmares | 40 |

LISTAS DE SIGLAS

ARQTSAP Associação Remanescente de Quilombo Território Santo Antônio dos Pretos

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ONGs Organização Não Governamentais

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | DESCOBRINDO A HISTÓRIA: UMA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE APRENDIZAGEM | 14 |
| 2 | REVENDO A HISTÓRIA CONTADA DOS QUILOMBOS NO BRASIL | 17 |
| 2.1 | A história das comunidades quilombolas no Maranhão | 20 |
| 3 | A HISTÓRIA DA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO DOS PRETOS EM CODÓ/MA | 24 |
| 3.1 | A organização social da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos | 27 |
| 4 | ENSINO DE HISTÓRIA: PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS NA HISTÓRIA..... | 39 |
| 5 | ALÉM DO PONTO FINAL: REFLEXÕES ACERCA DESTE ESTUDO | 45 |
| | REFERÊNCIAS..... | 47 |
| | APÊNDICES..... | 50 |

1 DESCOBRINDO A HISTÓRIA: UMA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE APRENDIZAGEM

Sou filha de um povo sofrido
Sou símbolo de muito amor
Dignidade não tem cor
Tem a força do meu grito.
(*Irá Rodrigues, 2017*)

Iniciamos este trabalho com uma estrofe da poesia de Irá Rodrigues, que mostra a identidade de um povo que passou por dificuldades e sofrimentos, que sabe que cor não define o caráter. Todos merecem respeito independente da sua cor, religião ou origem.

Continuamos com uma indagação sobre pelo qual estudar sobre as mulheres quilombolas no ensino de história: cultura, tradições e resiliência na comunidade Santo Antônio dos pretos em Codó/MA? Essa foi umas das questões abordadas pela minha orientadora neste trabalho ao ser solicitada para orientação nesta pesquisa. Para responder a esta pergunta, lembramos da nossa bisavó e das histórias que ela contava quando era escravizada, dos trajetos percorridos para chegar em algum lugar que pudesse sentir-se livre, dos trabalhos pesados, dos castigos e das marcas no corpo que ela carregava como provas. O fato da nossa bisavó ter sido escravizada, aumentou a minha vontade em pesquisar e relatar sobre o tema mulheres quilombolas no ensino de história da comunidade Santo Antônio dos Pretos.

Ao lembrar da nossa bisavó e de todas as histórias contadas por ela, conseguimos responder á orientadora, e decidimos investigar sobre as mulheres quilombolas. Essa escolha se deu por querermos abranger a Associação de Remanescentes de Quilombo Território Santo Antônio dos Pretos (ARQTSAP) e todas as suas histórias de lutas e de superação. Queremos também revelar os seus trabalhos na Comunidade e as suas origens.

Por isso, esta pesquisa que tem por tema a cultura, tradições e resistência das mulheres quilombolas e como eles podem potencializar o ensino de história na comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó, ressaltando o contexto histórico dos quilombos e da sua formação, as suas resistências e conquistas vividas por nossos ancestrais.

A pesquisa discute as identidades dessas mulheres quilombolas a partir das suas vidas cotidianas, analisando as suas realidades, dando visibilidade as suas

necessidades e conquistas. Temos como objetivo geral compreender a importância das mulheres quilombolas na preservação da história, cultura e tradição quilombolas como protagonistas para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e significativas para o ensino de história na comunidade.

A partir de um enfoque interdisciplinar, o estudo tem como objetivos específicos compreender como a história local e as tradições ancestrais das mulheres quilombolas podem ser integradas ao currículo escolar, promovendo um ensino mais contextualizado e valorizando a identidade e a memória dessas comunidades; analisar os desafios enfrentados por essas mulheres na luta pela preservação das suas tradições e na construção de espaços de resistência frente à marginalização e à invisibilidade histórica; e, investigar as estratégias e práticas desenvolvidas por elas para fortalecerem a transmissão e o ensino de conhecimentos tradicionais.

Assim, analisamos a relevância que as comunidades quilombolas tem e a importância do seu papel na sociedade, não se restringindo apenas ao reconhecimento das lutas vividas por essas mulheres na comunidade. Ele passa também pelas referências históricas de suas trajetórias de luta em contraposição aos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade que enfrentam. Neste contexto, surge a proposta de interseccionalidade que, para a pesquisadora Akotirene (2019, p. 304) representa um “sistema de opressão interligado que circunda vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias”. Ao se discutir sobre a problemática das mulheres negras, é necessário trazer à tona a perspectiva das mulheres que naquela comunidade vivem, a fim de despertar historiadoras/es que pautem e compartilhem os seus projetos de (re)existência.

Adotamos uma abordagem qualitativa, pois o trabalho teve como principal fonte os relatos da presidente da comunidade e de mais duas mulheres quilombolas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que suas pesquisadoras/es estudam as coisas nos seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos dos significados que as pessoas lhe conferem-lhe. Para Lakatos, Marconi (2003), a pesquisa cria uma possibilidade na construção do conhecimento e do aprendizado do pesquisar na atualização intelectual sobre uma determinada área apresentada pelo objeto de estudo.

No estudo bibliográfico, recorremos a uma revisão sistemática e também crítica a partir da literatura acadêmica analisada como assegura Macedo (1994). Essa etapa é importante, porque para Lakatos, Marconi (2003) a pesquisa bibliográfica “possibilita definir e resolver problemas já conhecidos, bem como explorar novas áreas, cujos problemas não se concretizaram suficientemente” (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 183). Portanto, o estudo bibliográfico desenvolve duas funções fundamentais: a solução do problema existente e a sondagem das áreas onde os problemas ainda não ocorreram; e, para delinear e resolver os contratempos já conhecidos através da bibliografia, na qual os/as pesquisadoras/es têm o acesso às informações de um determinado tema.

Nessa etapa, também realizamos análise documental histórica, como os registros da comunidade, pesquisa em artigos, livros e teses que ajudaram na abordagem e na contextualização histórica. As análises se tornam essenciais e apropriadas para a/o pesquisador/a estudar os dados acessados e validar seus dados e técnicas utilizados no decorrer da sua pesquisa.

Na etapa de campo foram realizadas visitas à comunidade, com intuito de pesquisar mais sobre a vida e as lutas das mulheres que nesta comunidade viveram e vivem até os dias de hoje. As técnicas utilizadas foram observação participante durante a realização das visitas à comunidade e nas atividades do cotidiano, ou seja, participando dos encontros culturais e religiosos na comunidade e nas suas experiências do dia-a-dia. Durante as visitas, também foram realizadas entrevistas organizadas a partir da elaboração de um roteiro, “que consistiu em abranger da melhor forma possível, as questões que a pesquisadores quer abordar no campo, de acordo com as definições do seu objeto de estudo” (Minayo, 2004, p.121).

As entrevistas foram inicialmente estruturadas. Houve um planejamento inicial, e no decorrer do mesmo, se tornaram também semiestruturadas, porque houve alteração no processo das entrevistas, para coletar mais informações para ter êxito nos objetivos da pesquisa. Gil (2009) destaca que os dados coletados como objetos de estudo, são enigmas para qualquer tipo de pesquisa seja ela explorativas, descritivas ou explicativas.

Ao longo das visitas, obtivemos fotografias, que tiveram por objetivo desenvolver um estudo junto à comunidade falando das necessidades vividas por mulheres quilombolas, preservando e expandindo suas crenças culturas e acrescentando memórias as suas histórias, como cita o Historiador Peter Burke: “a

função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer” (Burke, 2012, p.27).

As entrevistas e imagens fotográficas fizeram parte do início, meio e fim do nosso trabalho de pesquisa, precisando construí-las, reconstruí-las e interpretá-las. Assim a escolha desta metodologia se tornou de extrema relevância para o andamento da pesquisa, possibilitando uma melhor compreensão das vivências das mulheres quilombolas.

Com isso, este trabalho se estrutura em quatro seções. A primeira revela o processo de construção da pesquisa, da elaboração do projeto até a escrita do texto. A segunda ressalta a história da formação dos quilombos no Brasil e no estado do Maranhão, relembrando a trajetória das pessoas negras e pretas escravizadas até o âmbito de sua liberdade com a formação de suas comunidades. Na terceira seção, são contadas as histórias da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA, suas culturas, tradições e resistência e da participação das mulheres quilombolas no ensino de história. A última trata das Considerações Finais.

Ressaltamos que as discussões sobre as mulheres quilombolas, suas lutas e resistências sejam objeto de mais pesquisas, possibilitando o crescimento da comunidade em suas crenças, a garantia de direitos nessas áreas, a inclusão e preservação das suas raízes culturais no ensino de história.

2 REVENDO A HISTÓRIA CONTADA DOS QUILOMBOS NO BRASIL

Neste capítulo veremos uma breve introdução da história dos quilombos no Brasil e no estado do Maranhão, bem como os argumentos que surgem sobre esse debate. Esses grupos ainda hoje vivem tanto em espaços rurais como urbanos, lembrando o período que seus ancestrais foram escravizados e como foram desagregados e privados de liberdade. A história da formação dos quilombos no Brasil direciona a uma reflexão acerca do território, ou seja, o local no qual as pessoas negras refugiadas viviam, evidenciando um cenário desfavorável e restrito.

Na atualidade, são numerosas as comunidades quilombolas que vem reivindicando seu direito ao território, no contexto nacional. São constantes as lutas desses povos em busca de ter um pedaço de terra para viver, sendo esquecidos de Estado e pelas instituições públicas, embora, na Constituição Brasileira Federal de 1988, seja dada a garantia de que “[...] aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988, art. 68).

No Brasil, a formação territorial se deu através da dominação colonial. Esta terra foi obtida pelos europeus que usurparam os seus recursos naturais e controlaram as pessoas que aqui estavam, por considerarem-nas inferiores pela cor de sua pele, por sua espiritualidade e por sua cultura. Buscaram todas as oportunidades para extrair o máximo da colônia, o que trazia maior lucratividade para a coroa portuguesa. A presença frequente de ameaças vindas da França e da Holanda nas terras costeiras da colônia, levaram Portugal a tomar a decisão de iniciar uma povoação efetiva no Brasil.

Durante a colonização, foi estabelecido o *plantation* como um sistema de exploração colonial, envolvendo a ocupação e controle de terras com o objetivo de cultivar grandes plantações para atender às demandas do mercado português. A manutenção desse sistema só foi viável graças a adoção do escravismo como meio de suprir a força de trabalho. Tanezini(1994).

Os portugueses aproveitaram o aprendizado prévio dos africanos para facilitar a subjugação de sua população. Muitos foram trazidos ao Brasil como mão de obra forçada para explorar a colônia, trabalhando nas grandes plantações monocultoras, que produziam mercadorias tropicais para serem vendidas na Europa.

As comunidades que surgiram no Brasil colonial no decorrer do período da servidão. No espaço de tempo muito longo, milhares de afros foram levados contra suas próprias vontades ao Brasil para trabalhar em plantações de cana-de-açúcar, café, algodão e outras culturas para venda. As mulheres padeciam com frequência as condições de vida muito precárias e de trabalho forçado, sem qualquer promessa de liberdade.

Quando os primeiros escravos africanos chegaram ao Brasil, muitos decidiram fugir e buscar refúgio em locais inacessíveis como florestas, montanhas e áreas remotas. Foi nesta área que se estabeleceu o primeiro quilombo.

Quando os primeiros escravos africanos chegaram ao Brasil, muitos decidiram fugir e buscar refúgio em locais inacessíveis como florestas, montanhas e áreas remotas. Foi nesta área que se estabeleceu o primeiro quilombo. A Figura 1, retirada do Google Maps, mostra a localização do primeiro quilombo, conhecido como Quilombo dos Palmares, localizado no estado de Alagoas.

Figura 1 - Quilombo dos Palmares



Fonte: Google Maps (2019).

A comunidade quilombola Palmares foi a primeira a se destacar em prol das lutas e resistências. Ela abrigara muitos escravos fugitivos que vinham de todos os lados que foram acolhidos nessa comunidade.

Para além de Palmares e toda a sua tradição de liberdade que atravessou o final do século XVI até o primeiro quartel do século XVIII, outras tradições de formação de comunidade de escravos fugidos surgiram em contextos diferentes do Brasil colonial. Assim como Palmares e assustaram sobremaneira as autoridades metropolitanas e coloniais. A memória de Palmares, além de ficar gravado na mente das autoridades e senhores na virada dos setecentos, proporcionou mudanças na Legislação escravista para a repressão dos quilombos e fugitivos (GOMES, 2006, p. 451).

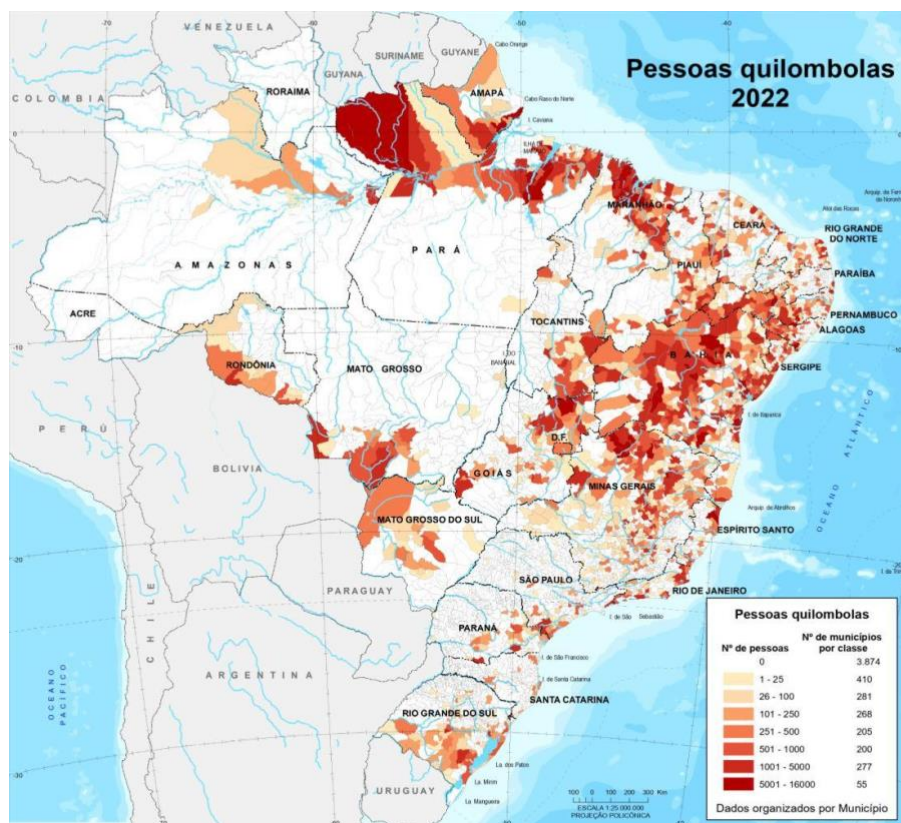
Conforme citação de Gomes (2006), a memória de Palmares durou por um longo tempo na mente dos senhores e das autoridades no início do século XVIII, o que ocasionou mudanças na constituição dos escravocratas, para controlar os prisioneiros e as comunidades quilombolas. O Quilombo dos Palmares foi uma das comunidades que serviram de exemplos para as demais pessoas escravizadas que fugiam para diversos estados do Brasil. Desta forma, foram surgindo várias comunidades quilombolas que serviam de abrigos para os escravos que vinham fugindo e procurando refúgio.

A escravidão foi um processo extremamente violento. As atividades requeriam muitos trabalhadores, que eram submetidos a uma rotina de trabalho árduo, pesado, sem qualquer lucro para os cativos, força de trabalho da produção agrícola em larga escala. O trabalho era intenso e o próprio dia a dia nas plantações, fazendas ou minas já representava uma violência avassaladora.

Além disso, as pessoas escravizadas enfrentavam castigos constantes e humilhações, trabalhavam sem descanso e viviam em condições precárias nas senzalas, sem receber alimentação adequada ou remuneração. Diversas estratégias eram adotadas para escapar da violência e dos abusos sofridos pelos cativos. Homens e mulheres escravizados não se submetiam passivamente ao sistema ao qual eram subjugados, reagindo de maneiras diversas.

Com o passar dos tempos, o número de comunidades quilombolas tem crescido muito e com eles os conflitos por terras. No Brasil, são várias espalhadas por todo o território brasileiro. No Brasil, existem cerca de 1,3 milhões de comunidades quilombolas de acordo com dados de uma pesquisa fornecidas recentemente pelo IBGE (2022). Essas pesquisas nos revelam o estado que possui mais comunidades quilombolas é o estado de Bahia com 397.059 pessoas quilombolas que representam em média 29,9%, conforme observamos na Figura 2.

Figura 2 - Comunidades quilombolas por estado



Fonte: IBGE (2022).

A comunidade quilombola é um símbolo importante da resistência e da luta pela liberdade do Brasil. No estado do Maranhão, essas comunidades são particularmente importantes porque constituem uma parte da história social, cultural e política do estado. Estas comunidades foram formadas principalmente nos séculos XVII, XVIII e XIX, com o fim dos escravizados houve ascensão de um novo quilombo. Para Nascimento (1980), a resistência negra e opressão dos quilombos aconteceu para representar as lutas por sua liberdade e pela ocupação de seu território.

2.1 A história das comunidades quilombolas no Maranhão

No Maranhão, as comunidades quilombolas tem raízes profundas na história do estado, algumas são bem conhecidas como: Alcântara, Santa Rosa dos Pretos, Guariterê e Santo Antônio dos Pretos. Esta última tem uma história rica, mas também enfrentam uma variedade de opressão e violência, incluindo a repressão

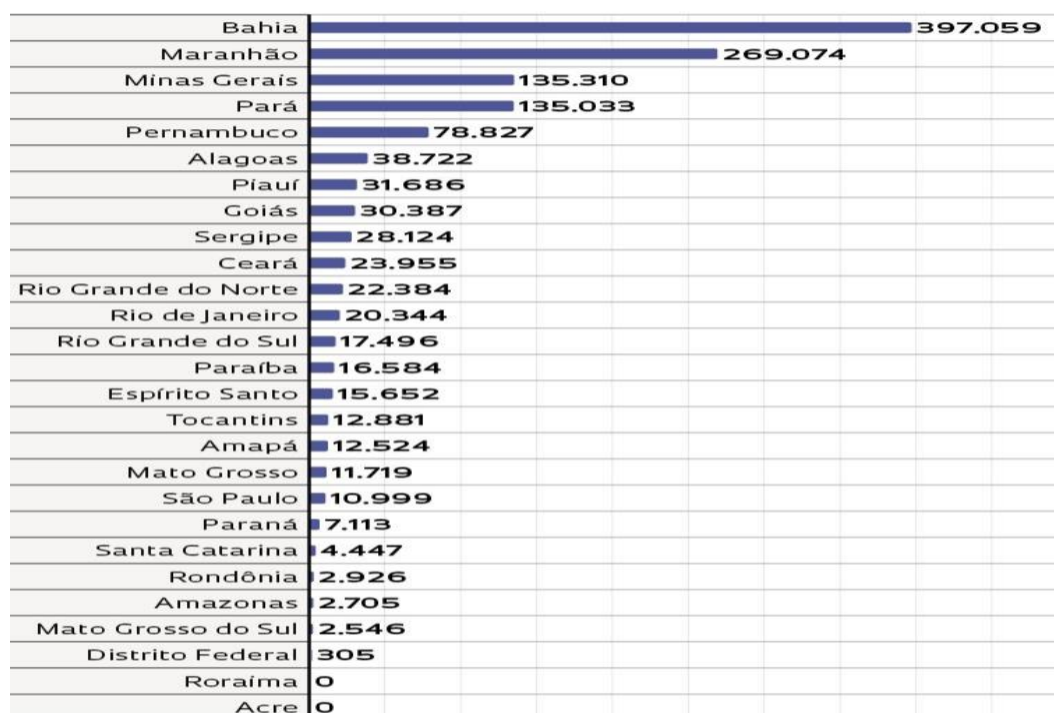
dos agricultores e, posteriormente, a pressão para passarem a ocupação urbana e rural.

O Maranhão foi uma das principais portas de entrada dos escravos africanos durante a era colonial. A capital, São Luís, era um importante porto comercial de pessoas escravizadas, principalmente da África Ocidental. O trabalho escravo era uma das espinhas dorsais da economia maranhense, que se concentrava principalmente na produção de açúcar, algodão, arroz e outros produtos agrícolas.

De acordo com Assunção (1999, p.4) “a agricultura permaneceu baseada nas técnicas indígenas ou cultivo móvel”. Apesar de todos os avanços tecnológicos, os quilombolas ainda exercem o plantio de modo tradicional na preparação de suas lavouras.

Atualmente, o Maranhão tem o segundo maior número de população quilombola, logo atrás do estado da Bahia, segundo levantamento divulgado recentemente pelo IBGE para o censo de 2022, que revela a extensão de comunidades quilombolas nos estados brasileiros.

Figura 3 - Ranking da população quilombola no Brasil por Estados.



FONTE: IBGE / CENSO DEMOGRÁFICO 2022

Fonte: IBGE (2022)

As comunidades quilombolas do Maranhão possuem características próprias. São constituídas por pessoas de vários grupos étnicos e culturas africanas, cada um com as suas próprias tradições religiosas, culinárias, artísticas e linguísticas. Estas comunidades têm uma relação estreita com a terra e uma das suas principais atividades económicas é a agricultura de subsistência. Assim como mencionam os autores (Assunção, 1999; Ribeiro, 1987).

Com a abolição da escravatura em 1888, muitos ex-escravos se dispersaram pelo interior do Maranhão em busca de terras para trabalhar e viver. Nesse período, muitos quilombos surgiram para garantir a liberdade e a sobrevivência da comunidade negra. Esses quilombos são caracterizados por um sistema de organização coletiva onde os membros trabalham juntos e compartilham recursos e meios de subsistência.

Ao discorrer indígenas e pessoas negras. Nascimento (2019) afirma que, apesar de poucos terem possuído a carta de alforria naquela época, apesar dos brancos sentirem-se superiores pelas suas condições económicas e sua cor, as pessoas negras nunca deixaram de sobreviver na sociedade preconceituosa e racista.

No século XX, as comunidades quilombolas no Maranhão enfrentaram vários desafios, incluindo falta de reconhecimento oficial, lutas pela propriedade da terra e discriminação racial. Muitas comunidades quilombolas estão ameaçadas pela expansão das fronteiras agrícolas e pela pressão dos grandes proprietários de terras. Foi na década de 1990 que as comunidades quilombolas começaram a conquistar o direito de se organizarem em suas terras, lutarem e se mobilizarem entre si, movimentos sociais e ONGs.

Além disso, as comunidades quilombolas no Maranhão mantêm um forte senso de identidade e coletividade. A organização social baseia-se em princípios comunitários onde a unidade e o respeito pelos mais velhos são essenciais. A cultura quilombola é rica e diversificada, expressa em festas, danças, músicas e tradições transmitidas de geração em geração.

Mesmo com elevado significado histórico e cultural, as comunidades quilombolas no Maranhão enfrentam diversos desafios. A falta de acesso a serviços básicos como cuidados de saúde, educação e infraestrutura são os principais desafios que estas comunidades enfrentam. A discriminação e o preconceito também são obstáculos que devem ser superados. Além disso, a luta pela posse da

terra é outra luta travada pelas comunidades quilombolas no Maranhão. A denotação e atribuição de títulos de terra quilombolas é a base para garantir a segurança jurídica e melhorar as condições de vida nesta comunidade.

As comunidades quilombolas no estado do Maranhão desempenham um papel importante na preservação da história e da cultura afro-brasileira. Estas comunidades são uma expressão viva da antiga luta pela liberdade e igualdade ao longo dos séculos.

Apesar das dificuldades que enfrentam, as comunidades quilombolas do Maranhão permanecem firmes na resistência e na defesa de seus direitos e cultura. É importante que a sociedade como um todo reconheça e apoie essas comunidades, garantindo seus direitos e valorizando sua contribuição à cultura e à história brasileira. Atualmente, uma série de políticas nacionais estão sendo implementadas no estado do Maranhão para garantir a preservação dos direitos das comunidades quilombolas Segundo o Documento Curricular do Território Maranhense (Maranhão, 2019), “atualmente, o Maranhão conta com mais de 700 comunidades quilombolas que se concentram na região da baixada maranhense e próximas aos rios Itapecuru e Mearim”. Região que contempla o município de Codó que é cortado pelo Rio Itapecuru.

O governo federal, por exemplo, conta com o Programa Brasil Quilombola, que busca promover o desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas, fortalecendo suas economias locais, preservando sua cultura e promovendo a inclusão social.

No contexto atual, o governo federal criou o Ministério da Igualdade Racial que em sua estrutura conta com uma Secretaria de Políticas para Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, Povos de Terreiros e Ciganos. Ainda no aspecto legal e no contexto do Governo Federal, destacamos também a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, o que inclui a história e cultura quilombola.

3 A HISTÓRIA DA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO DOS PRETOS EM CODÓ/MA

A comunidade quilombola de Santo Antônio dos Pretos é uma das mais antigas e importantes comunidades de origem africana do município de Codó, localizado no Maranhão. Sua história remonta à época da escravidão no Brasil, quando algumas pessoas negras foram trazidas para a região para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar (Oliveira, Silva, 2008).

As origens étnicas são diversas, com pessoas provenientes de vários países africanos, incluindo Angola, Moçambique e Guiné. Esses africanos foram trazidos para a região de Codó para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar, que era uma importante atividade econômica na época. Eles sofreram com condições extremamente precárias e trabalho duro em fábricas e fazendas, e sofreram violência e opressão dos agricultores. Com o passar dos anos, alguns escravos fugiram das plantações e se estabeleceram em locais mais remotos e inacessíveis, como florestas ou margens de rios. Ali criaram pequenos centros de resistência onde podiam viver de forma mais livre e organizada. Cantanhede Filho (1997) ressalta as origens que frequentaram a comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos e da miscigenação que ocorreu devido a esses agrupamentos de povos e raças diferentes em um único ambiente

Os primeiros registros da comunidade Santo Antônio dos Pretos datam do século XIX, quando foi assinada a Lei Áurea e a abolição oficial da escravatura. Após a emancipação, muitos escravos deixaram as plantações e formaram comunidades autônomas conhecidas como quilombos, onde trabalhavam. O quilombo de Santo Antônio dos Pretos foi um dos grupos de resistência negra sediados em Codó.

Santo Antônio dos Pretos fica localizado a 36 km da cidade de Codó. Possui uma área de 2.139, 55 hectares e constituído por quatro povoados: Central, Expedito do Carneiro, Barro Vermelho e Ilha (Cantanhede Filho, 1997).

Durante a entrevista, perguntei para dona Elzirene (Dona Careca, como é conhecida), uma das lideranças da comunidade, se ela saberia me responder o porque da comunidade se chamar de Santo Antônio dos Pretos. Ela relatou a história de como a comunidade recebeu esse nome. Vejamos:

Eu ainda menina escutei muito dos meus avós e dos meus bisavós, a história que envolve a nossa comunidade, meus bisavós foram escravos. Eles vieram fugindo da fazenda, eles e um pequeno grupo de escravos iam passando e viram que aqui no Santo Antônio dos Pretos, a terra era boa. Era bem fértil. Eles então decidiram que ficariam por aqui. Uma parte do Santo Antônio dos Pretos tinha um dono. Esse dono era horrível, terrível, sem coração. Ele odiava os escravos, ele nem deixava eles cultuarem seus orixás. Eles eram até ameaçados pelo tenente Vitorino, outro que era muito temido naquela época. Um dia, o dono das terras estava sendo ameaçado e se viu recorrer aos meus bisavós e outros escravos a intercederem a santa Bárbara, que eles sempre cultuavam, que se ela livrasse ele do perigo de vida que ele estava passando, ele se mudaria e deixava as terras com eles. E assim aconteceu, ele foi embora e os escravos se agruparam por aqui e daqui nunca mais saímos, porque agora temos uma terra legalizada, registrada, temos o certificado da Fundação Cultural dos Palmares (Entrevista concedida por Dona Elzirene, 2023).

Notamos na história relatada pela entrevistada, que são lembranças que fazem parte do contexto histórico da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, onde seus ancestrais participaram desde a ocupação das terras e carregam consigo memórias de suas tradições, ou seja “[...] não podemos negar que a história do povo brasileiro passou pelos quilombos, locais de difícil acesso para onde iam os negros que fugiam da escravização”. Notamos a compatibilidade com a história retratada “[...] e apesar da importância histórica dessas localidades, pouco conhecemos sobre elas” (Verde, 2017, p.132). A Figura 4 corresponde a foto do momento da entrevista com Dona Elzirene.

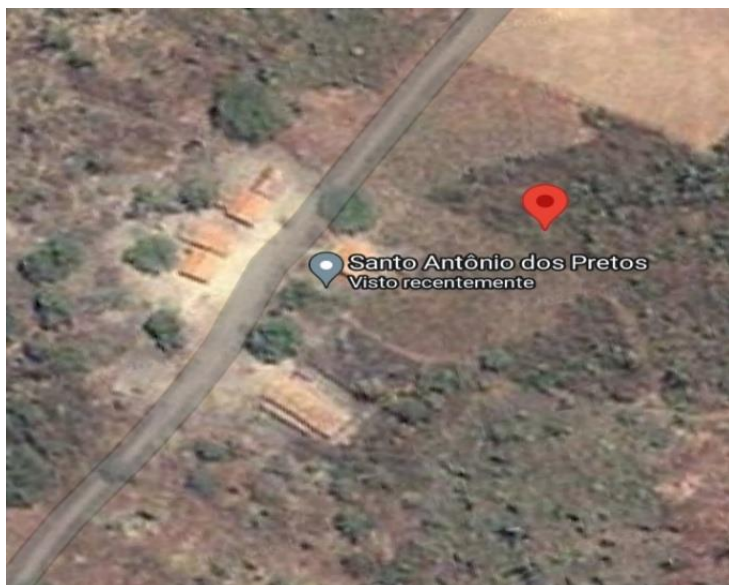
Figura 4 - Entrevista com Dona Elzirene



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A localização da comunidade é estratégica. Cercada por mata densa e inacessível, permitiu que os quilombolas se protegessem de ataques e perseguições de autoridades e proprietários de terras. Isto permitiu a preservação da cultura africana e o desenvolvimento de práticas agrícolas e religiosas.

Figura 5 - Comunidade Quilombola Santo Antônio dos Pretos



Fonte: Google maps (2022).

A resistência da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos se fortaleceu durante a década de 1980, com a mobilização de líderes comunitários e a criação de organizações de defesa dos direitos quilombolas. A pressão exercida por essas entidades levou à conquista do reconhecimento legal da comunidade como remanescente de quilombo e à demarcação de uma área para a sua regularização fundiária. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, os quilombolas de Santo Antônio dos Pretos persistiram na luta pelos seus direitos legais (Cantanhede Filho, 1997).

A comunidade empreendeu uma longa batalha para a titulação das terras, conquistando oficialmente o reconhecimento pelo Governo do Estado do Maranhão como comunidade quilombola. Suas terras têm o título pela regularização fundiária gerenciada e regularizada nacionalmente pelo INCRA. A comunidade também se fortaleceu através do empoderamento das mulheres quilombolas, que tem assumido papéis de liderança e buscado maior participação política nas decisões que afetam a comunidade (Cantanhede Filho, 1997).

A história da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos em Codó/MA é marcada por desafios, lutas e conquistas. Desde sua formação, no período da escravidão, os quilombolas resistiram à opressão, preservaram sua cultura africana e conquistaram o reconhecimento legal de suas terras. As conquistas alcançadas pela comunidade são resultado da mobilização e luta dos quilombolas por seus direitos, bem como de políticas públicas que visam a valorização e a proteção das comunidades quilombolas.

3.1 A organização social da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos

A história da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos é uma importante representação da luta pela liberdade, pela igualdade racial, pelo resgate e preservação das raízes africanas no Brasil. A organização social e familiar na comunidade é baseada em princípios ancestrais africanos, entrelaçados com a influência da cultura brasileira. Esses princípios têm sido transmitidos de geração em geração, mantendo vivas as tradições e garantindo a coesão e resiliência da comunidade.

As famílias quilombolas são o núcleo central da organização social da comunidade. Elas são formadas por laços familiares, parentesco ou filiação, criando uma forte rede de apoio e solidariedade. A comunidade valoriza a convivência intergeracional, onde os mais velhos desempenham um papel importante na transmissão do conhecimento tradicional.

Tradicionalmente, a comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos tem uma estrutura matrifocal, com as mulheres ocupando uma posição central na tomada de decisões e no desenvolvimento das atividades comunitárias. Elas desempenham um papel fundamental na preservação da cultura quilombola, transmitindo costumes, rituais e práticas tradicionais. Na comunidade, moram cerca de 120 famílias, e nesta comunidade as mulheres são a maioria, correspondendo a 57% da população da comunidade.

Segundo a presidente da comunidade, Dona Elzirene, na comunidade, já existiram mais mulheres, só que com o passar do tempo, muitas delas decidiram procurar outros locais para viver, em prol de melhores condições de sobrevivência.

Aqui na comunidade já teve muita gente, a maioria eram mulheres, mas minha filha, você deve imaginar como está difícil as coisas, e por causa de

tudo isso, umas foram embora pra Codó e outras foram pra outros estados, ver se as coisas por lá estavam melhor, e pelo jeito tá, porque elas nem querem mais voltar pra cá (Entrevista concedida por Dona Elzirene, 2022).

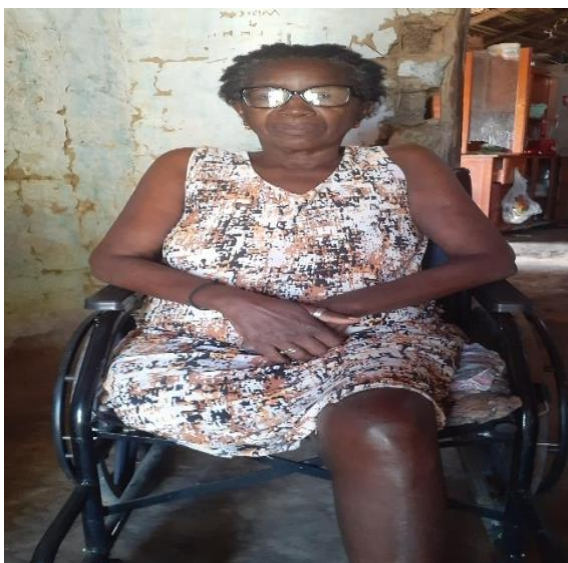
Devido todas as dificuldades, as mulheres tem que se deslocarem de suas cidades para tentarem uma vida digna para seus filhos, já que as oportunidades veem somente longe do seu local de origem, ainda mais sem terem estudado, já que muitas nem se quer chegaram a frequentar a escola.

Ao entrevistar dona Evelta sobre o seu grau de escolaridade, ela pontuou a questão da educação na sua vida e da comunidade.

Eu não estudei, só até a 3 série, mas muita gente pensa que terminei os estudos, porque eu me viro, sei falar com as pessoas, sei correr atrás de benefícios pra comunidade com minha filha que é a presidente no momento. Se vacilar, sei até mais que muitos doutor (Entrevista concedida por dona Evelta, 2022).

Dona Evelta aceitou fazer parte desta pesquisa e relatou as dificuldades que ela enfrentou por não ter frequentado uma escola e da falta que ela faz para a vida nos dias atuais. O Art. 28 da Lei nº 9.394/96 estabelece as modalidades de Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola e Educação do Campo na Educação Básica. Contudo, a realidade é totalmente diferente. Ainda existem brechas que retardam uma educação de livre acesso às populações indígenas e quilombolas no nosso país e no nosso Estado.

Figura 6 - Entrevista com Dona Eralda.



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

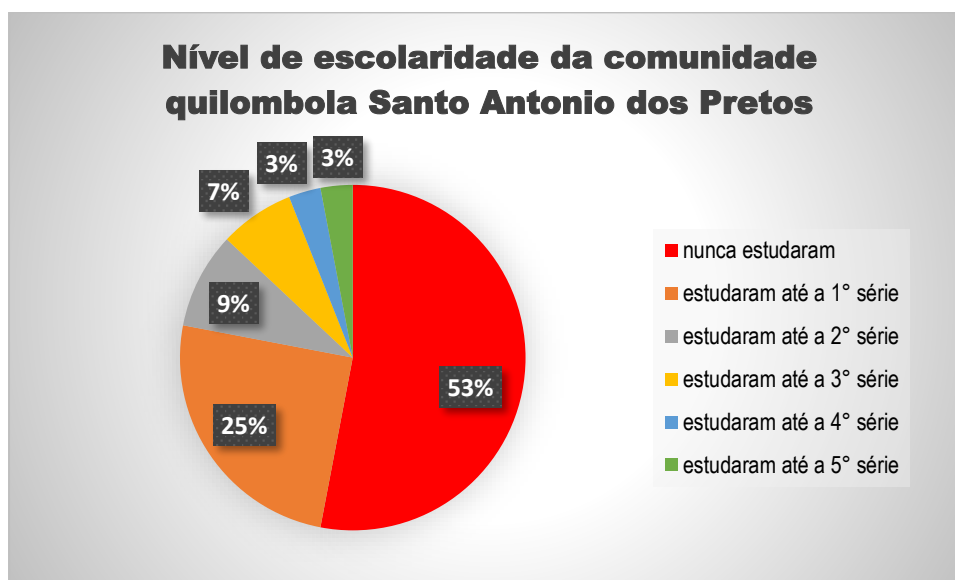
Na comunidade, a maioria das mulheres são analfabetas de acordo com o relato da dona Elzirene e de dona Eralda. Muitas nunca frequentaram a escola, porque muitas tinham que dar suporte aos seus pais na agricultura e em casa.

Aqui as mulheres não tiveram tanta oportunidade de estudar porque elas tinham que ir pra roça com seus pais ou ficarem em casa cozinhando ou olhando as crianças menores. Aqui elas não tem tempo de estudar não, elas trabalham e trabalham muito (Entrevista concedida por Dona Elzirene, 2022).

Eu estudei, mas foi muito pouco, tive meus filhos cedo e eles eu coloquei pra estudar, mas tava difícil pra mim. Aí, eles saíram da escola pra trabalhar na roça comigo, aqui era e é muito difícil pra estudar, porque as condições não deixa não, ou você trabalha pra colocar comida no prato dos seus filhos ou estuda e morre de fome. Eu choro porque queria que pelo menos minha filha que cuida de mim terminasse de estudar. Ela é a presidente, mas não terminou de estudar, e corre atrás de muita coisa pra cá, pra nós que mora aqui. (Entrevista concedida por Dona Eralda, 2022).

De acordo com uma pesquisa realizada na comunidade, a porcentagem de mulheres quilombolas que chegaram a concluir o Ensino Fundamental I, foi muito pouco em relação ao número de mulheres que vivem na comunidade, abaixo tem um quadro que demonstra essa realidade, é o que observamos na Figura 7.

Figura 7 - Nível de escolaridade



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Muitos são os fatores que impedem as mulheres quilombolas da comunidade Santo Antônio dos Pretos de ter acesso a educação formal, como:

condições socioeconômicas, discriminação, preconceito, responsabilidades familiares, acesso limitado a educação, falta de incentivo e entre outros. Todos esses fatores criam e contribuem para que haja exclusão significativa das mulheres quilombolas. Desta forma, reforçamos o papel das políticas públicas para que sejam criadas programas direcionadas as questões de superar essas barreiras que impossibilitam elas de concluírem seu trajeto educacional.

Na comunidade de Santo Antônio dos Pretos existe atualmente uma escola que recebe alunos das comunidades vizinhas como: Barro Vermelho, Sentada, Monte Cristo, Boa esperança, Matões Jatobá , Santa Rita e Santo Expedito.

A escola tem uma vasta demanda no acolhimento das crianças de outras regiões, que por outro lado conta com mínimos suportes educacionais. Os educadores lutam para suprir a quantidade excessiva de lotação em um espaço que necessita de reparos no ambiente escolar. A Constituição brasileira também prevê direitos às comunidade quilombolas sobre a sua própria cultura, ao mencionar no artigo 215 que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Brasil, 1988, art.215).

Existe a disponibilidade de transporte escolar para os alunos que estudam na escola da comunidade, porém por ser transporte escolar e depender do poder público, muitas vezes as crianças ficam sem ter acesso às aulas, quando o ônibus não passa pelas comunidades.

A Constituição Brasileira também prevê direitos à comunidades quilombolas sobre a sua própria cultura, ao mencionar no artigo 215 que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (Brasil, 1988, art.215)”.

A comunidade também possui uma organização comunitária: a Associação Remanescente de Quilombo Santo Antônio dos Pretos (ARQTSAP), que é responsável por liderar e coordenar as atividades coletivas. Essa organização é composta por membros da própria comunidade, eleitos democraticamente. Ela visa promover a participação de todos e fortalecer a identidade quilombola, além de representar os interesses da comunidade perante o poder público e outras instituições, como observamos na Figura 8.

Figura 8 - Associação Remanescentes de Quilombo Território Santo Antônio dos Pretos



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Criada em 2010, na ARQTSAP acontecem reuniões mensais ou quando necessário, para discutirem as benfeitorias de acordo com as leis que garantem os direitos quilombolas.

As atividades econômicas na comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos são baseadas na agricultura familiar e na produção de artesanato. A agricultura é voltada principalmente para o cultivo de alimentos para subsistência, como feijão, mandioca, milho e hortaliças. Elas trabalham em uma horta Comunitária dentro da Comunidade.

Para a comunidade a culinária também é uma parte importante da cultura quilombola. Pratos como o vatapá, o caruru e o angu de milho, por exemplo, são preparados e compartilhados entre os moradores da comunidade, reforçando os laços sociais e culturais. A comida típica quilombola reflete tanto as influências indígenas como as africanas na formação de sua identidade.

Na comunidade as comidas típicas utilizadas por elas são derivadas das colheitas na roça e da horta comunitária como: arroz, cuxá, a farinha de mandioca, a galinha caipira, o porco, o peixe que elas pescam no rio codozinho, alface, tomate, melancia, milho, melão e pepino. Podemos observar essas atividades na Figura 9:

Figura 9 - Atividades realizadas pelas mulheres da comunidade



Legenda: a) Colheita do maxixe; b) Cercando a horta comunitária; c) Capina da roça; d) Quebra do coco babaçu

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Na Figura 9, observamos as mulheres na colheita de maxixe em sua lavoura. Nessas colheitas, elas separam uma quantidade para seu consumo próprio e a outra parte para vendas externas. Elas enviam para serem vendidas na feira em Codó. Carneiro (2011, p. 3) comenta que:

Nós mulheres negras fazemos parte de um contingente de mulheres provavelmente, majoritário que nunca reconheceu em si mesma esse mitos, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras ou prostitutas.

Concordamos com a autora porque a mulher forte, guerreira que enfrentam seus trabalhos diários, árduos e lutam e exigem respeito por sua cor, por seu sexo e por seu trabalho. Vemos na Figura 9, como algumas dessas atividades.

A mulher quilombola, desde o início da história, desenvolveu trabalhos dentro da comunidade seja doméstica ou não, sendo sinônimo de força e superação: “A mulher negra, na sua luta diária durante e após a escravidão, foi contemplada com mão de obra, na maioria das vezes não qualificada” (Ratts, 2021, p. 277). Durante o período da escravidão, as mulheres negras eram tratadas apenas como mão de obra. O que continua a acontecer nos dias atuais, não são valorizadas e negligenciadas, sem reconhecerem o seu papel nas comunidades de lutas e desafios no seu contexto histórico.

Outra atividade realizada pelas mulheres da comunidade é a capina da roça, umas das atividades que elas fazem além da plantação e colheita. Mello (2021) relata sobre a importância das mulheres nas atividades, porque dentro das comunidades elas assumem vários papéis como mãe, mulher, avó, agroextravista e entre outros e ainda tem o papel importante na defesa da preservação ambiental.

Na Figura 9 ainda é possível visualizar a mulher quilombola em uma das atividades extrativistas desenvolvidas para seu sustento e de sua família através da palmeira de babaçu. Elas utilizam da palha ao coco. Com as palhas, produzem copos, esteiras, quibanos, telhados. Do coco, extraem leite, azeite e o bagaço que sobra, utilizam na fabricação de bolos e alimentam animais. Laraia (2008) declara que os saberes tradicionais compartilhados durante a existência, são acumulados pelo tempo, resultando em fatos históricos, adquiridos com seus ancestrais e vivenciados com as novas gerações. Oliveira (2022) também discorre sobre a importância das mulheres Quebradeiras de coco, sobre sua identidade e das contribuições que fornecem através do seu trabalho para a preservação ambiental e cultural.

A comunidade valoriza também a prática de atividades culturais, como danças, músicas e festas tradicionais. Essas manifestações culturais são importantes para fortalecer a identidade quilombola e promover o intercâmbio com outras comunidades. É o que nos mostra a Figura 10.

Figura 10 - Celebração de rituais nas obrigações de Santa Bárbara



Fonte: ARQTSAP (2023).

Para os devotos de Santa Bárbara, existem rituais que devem ser realizados. Os rituais são momentos em que o praticante recebe seu encantando oriundo dos orixás. Assim, a identidade cultural da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos é de grande importância para a história e preservação da cultura afro-brasileira, composta por descendentes de escravos que buscaram liberdade e resistência em meio a uma sociedade marcada pela opressão e discriminação racial. Através de suas tradições e práticas culturais, eles mantêm viva a memória de seus antepassados e reafirmam sua identidade como quilombolas.

Na entrevista com Dona Eralda, ela relatou que ela e outras mulheres da comunidade participavam de todas as danças e apresentações que aconteciam.

Tinha o bumba meu boi, o tambor da mata, tinha tambor de crioula, aqui a gente brincava até dias se desse, a dança deixava a gente livre, leve. Hoje aqui a gente quase não brinca, eu porque perdi minha perna, e as outras porque não tem quem bate os tambor, quem brinque. A maioria foram embora e outras faleceram, aqui era muita gente todos os dias, ainda vem nos festejo de agosto e dezembro, mas não como antigamente. A nossa cultura tá morrendo e isso não era pra acontecer minha menina (Entrevista concedida por Dona Eralda, 2022).

A música desempenha um papel fundamental na cultura da comunidade. Os ritmos e danças típicas, como a dança da Mata, e o Tambor de Crioula, estão presentes em várias festividades e eventos que ocorrem na comunidade. A música é uma forma de expressão e resistência, transmitindo valores culturais e históricos.

Além da música, a culinária também é uma parte importante da cultura quilombola. Pratos como o vatapá, o caruru e o angu de milho, por exemplo, são preparados e compartilhados entre os moradores da comunidade, reforçando os laços sociais e culturais. A comida típica quilombola reflete tanto as influências indígenas como as africanas na formação de sua identidade.

Outra entrevistada foi Dona Maria dos Anjos. Perguntamos sobre seu nome e quanto tempo reside na comunidade. Ela nos respondeu: “aqui me chamam de *Dos Anjos*. Tenho 80 anos, moro aqui na comunidade desde quando me conheço por gente (risos), nasci e me criei aqui e aqui quero ser enterrada”.

Muitas mulheres quilombolas ainda permanecem na comunidade, e carregam consigo o sentimento de gratidão e conquistas, elas dizem que no fim da sua existência aqui na terra, querem ser sepultadas na comunidade, na qual elas lutaram pelo reconhecimento da terra pelas qual elas resistiram até os dias de hoje.

No que diz respeito a cultura, ela mencionou: “Ah, eu brinquei muito de terecô aqui, tambor da mata, bumba meu boi. Hoje eu não faço mais, tô veia e meu juei não deixa, mas de vez em quando eu teimo e dou uma dançada (risos)” (Entrevista concedida por Dona dos Anjos, 2022).

Figura 11 - Entrevista com Dona Maria dos Anjos



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A cultura e identidade da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos, localizada em Codó, MA, são de grande importância para a história e preservação da cultura afro-brasileira, composta por descendentes de escravos que buscaram liberdade e resistência em meio a uma sociedade marcada pela opressão e discriminação racial. Através de suas tradições e práticas culturais, eles mantêm

viva a memória de seus antepassados e reafirmam sua identidade como quilombolas.

A religiosidade também tem grande importância na cultura quilombola de Santo Antônio dos Pretos. A comunidade é composta por praticantes de religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Os rituais e celebrações religiosas são momentos de união e devoção onde os quilombolas que se conectam espiritualmente com seus antepassados.

Além dos aspectos culturais, a comunidade quilombola também possui uma forte ligação com a terra e o meio ambiente. A agricultura familiar é uma prática comum entre os moradores, que cultivam alimentos orgânicos e valorizam a sustentabilidade ambiental. O respeito à natureza e a busca por uma vida em harmonia com o meio ambiente fazem parte da identidade quilombola.

Através da preservação de suas tradições culturais e do engajamento na luta pela valorização de seus direitos, a comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos mantém viva sua cultura e identidade. A história e as memórias de seus antepassados são transmitidas de geração em geração, garantindo a preservação dessa rica herança cultural afro-brasileira.

Na comunidade, as festividades são comemoradas no mês de agosto e dezembro, momento em que são reverenciados Santo Antônio e Santa Bárbara, ambos são os protetores, devocionados por todos da comunidade.

Outra manifestação cultural da comunidade é a brincadeira do Bumba-meu-boi e o Festejo de Santo Antonio, conforme Figura 12:

Figura 12 – Manifestações culturais da comunidade



Legenda: a) Enfeitando o boi do bumba meu boi; b) Vestimentas usadas para dançarem; c) Apresentação no festejo de Santo Antônio.

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

São as mulheres quilombolas que preparam a ornamentação do boi, utilizado nas apresentações e festividades da comunidade. Dealdina (2020) descreve como as mulheres quilombolas carregam consigo a grande responsabilidade do legado da cultura, das tradições, das danças e das rezas, tornando evidente sua autoidentificação quilombola. Nunes (2018) faz uma associação da mulher quilombola com a fundamentação da preservação da cultura e da história quilombola.

As mulheres quilombolas têm demonstrado sua participação dentro da comunidade tanto na agricultura como na cultura. Ainda na Figura 14, observamos o momento em que elas participam do festejo de santo Antônio, mostrando a relevância da cultura e religião quilombolas. Sobre as tradições e identidade da história do povo quilombola:

compreender o movimento quilombola e sua inserção na história do país é, por conseguinte, ressignificar e trazer a luz um exemplo de movimento político renegado por nossa história, podendo servir como exemplos positivos da história negra para a formação da identidade quilombola (Verde, 2017, p.134).

Em concordância com a autora, a identidade quilombola possui significados para a nossa cultura e nossa história, são fatores essenciais para a formação da cultura afro-brasileira, na qual a autoidentificação étnica e territorial destacam sua relevante participação na identidade do povo brasileiro.

Nunes (2018) declara que as mulheres quilombolas desenvolvem um papel fundamental na preservação da sua cultura e das suas tradições. Elas conservam secretamente suas histórias de ancestralidades e os conhecimentos repassados por eles, desta forma contribuindo para a história da comunidade.

Quando perguntada sobre ter sofrido algum tipo de preconceito, Dona Dos Anjos relata:

Eu já passei muita coisa na minha vida, quando vou pra Codó, porque tudo tem que resolver lá né minha fia, as pessoas quando ficava sabendo que eu morava aqui, perguntava se eu era macumbeira, porque eu sou preta e por minha religião ser candomblé (Entrevista concedida por Dona dos Anjos, 2022).

Preconceito contra as mulheres quilombolas acontecem dentro e fora da comunidade. Observamos que elas não são tem sua identidade e cultura respeitadas pela sociedade, que associam apelidos pejorativos a elas, devido a sua cor e sua religião.

A organização social e familiar na comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos é baseada em valores de solidariedade, respeito às tradições e à ancestralidade. As famílias e a organização comunitária desempenham papéis fundamentais na preservação da cultura quilombola e na luta pelos direitos e reconhecimento dessas comunidades historicamente marginalizadas.

Apesar desses desafios, as mulheres quilombolas foram incansáveis na defesa de seus direitos. Muitas lideraram rebeliões, guiaram as fugas dos escravizados e foram responsáveis por estratégias de resistência. Através de sua coragem e determinação, elas inspiraram gerações de quilombolas a reivindicar sua identidade e lutar pelos seus direitos.

Além de sua contribuição na resistência e luta, as mulheres quilombolas desempenham um papel fundamental na preservação das tradições culturais e identidade quilombola, seja através da transmissão de conhecimentos ancestrais, como a culinária, medicina tradicional e artesanato ou por meio da valorização das línguas e costumes.

4 O MEDO DO ESQUECIMENTO: participação das mulheres na história

Como negra, não quero mais ser objeto de estudo e sim o sujeito de pesquisa (Ribeiro, 2018).

FIGURA 20 - Dandara dos Palmares



Fonte: Google imagens, 2023.

Iniciamos esta seção com esta frase da filósofa e escritora Djamilla Ribeiro, na qual ela expõe seu desejo de não ser apenas vista como objeto de estudo, mas como pesquisadora de questões raciais. Essa percepção coloca a mulher negra, como uma personagem ativa, capaz de narrar suas lutas, conquistas e vivências.

O ensino de história permite examinar o passado para compreender o presente e erigirmos o futuro. Nesse contexto, é importante mencionar a participação das mulheres quilombolas na construção da história brasileira.

Uma mulher quilombola histórica que merece destaque é Dandara dos Palmares, esposa de Zumbi dos Palmares. Dandara foi uma guerreira que demonstrou coragem e liderança feminina, liderando muitas batalhas contra os invasores do Quilombo dos Palmares. Além de Dandara, inúmeras outras mulheres quilombolas desempenharam papéis na história brasileira, mas seus nomes e contribuições são muitas vezes apagados dos registros históricos. Isto deve-se na

maioria à exclusão e invisibilidade na escrita e construção da história, que tem sido tradicionalmente dominada pelos homens, como destaca Caetano (2020, p. 159):

Foi esse sentimento que nos levou a pesquisar mais sobre Dandara, uma das lideranças femininas do Quilombo dos Palmares, posto que queríamos que as crianças negras, sobretudo as meninas, tivessem a oportunidade que não tivemos, que conhecessem as narrativas dessa grande guerreira e se encantassem com elas, descobrindo a sua relevância para a formação de nosso país, com a consciência de que o povo negro foi e é sujeito da História no Brasil.

É essencial que o ensino de história aborde a participação das mulheres na construção da nação de forma mais ampla e abrangente. Esse conhecimento ajuda a promover a diversidade cultural e étnica do Brasil e a combater estereótipos e preconceitos. Uma forma de promover o ensino inclusivo sobre a participação de meninas quilombolas na história é incorporar suas histórias e experiências aos currículos escolares, ler livros, visitar quilombolas, realizar pesquisas e criar projetos que mapeiem suas carreiras e as deem vida. É importante promover pesquisas e a produção de materiais educativos que destaquem a importância das meninas quilombolas na história brasileira, permitindo aos alunos acessar diferentes perspectivas históricas e desafiar as narrativas tradicionais.

É importante viabilizar pesquisas e a produção de materiais educativos que salientem a importância das mulheres quilombolas na história brasileira, possibilitando aos alunos acessar diferentes concepções históricas e estimulamos narrativas diferenciadas, em cumprimento a Lei nº 11.645/2008 e o Documento Curricular do Território Maranhense.

O ensino de história deve incluir a participação das mulheres quilombolas como forma de reconhecer e valorizar a contribuição dessas mulheres para a construção da identidade e da cultura brasileira. Esta abordagem mais inclusiva do ensino de história contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e respeitadores da diversidade étnica, cultural e de gênero presente na sociedade.

Ribeiro (2019) ressalta sobre a inclusão e a diversidade na educação, nas questões em destaque sobre as comunidades afrodescendentes, ela viabiliza a importância dada reflexão em promover a cultura afro-brasileira e as questões raciais. Transmitindo, ou até mesmo repassando para a sociedade a educação, em incluir e dar vozes às experiências e perspectivas, mostrando a essência da reflexão da educação e valorização do ensino.

A comunidade de Santo Antônio dos Pretos possui uma história rica, marcada pela resistência e luta contra a opressão racial e social. No entanto, esta história foi esquecida há muito tempo e é pouco divulgada. Graças a iniciativa de resgate e reabilitação de mulheres quilombolas que esse cenário começou a mudar. Estas mulheres decidiram unir-se e encontrar formas de preservar e partilhar as suas experiências e conhecimentos, conscientes da importância de afirmar a sua identidade e contributos para a história comum da comunidade.

Uma das formas de preservar e valorizar a história das mulheres quilombolas de Santo Antônio dos Pretos é a criação de um centro de memória. Este espaço tornou-se um local de encontro, convívio e aprendizagem, um local onde as mulheres quilombolas podem partilhar suas memórias, histórias e conhecimentos com a geração mais jovem.

Eventos e exposições também são realizados para celebrar e destacar a importância das mulheres na construção de comunidades. Outro aspecto importante desta iniciativa é a promoção da educação e formação de mulheres quilombolas. Por meio de aulas, oficinas e debates, elas têm a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre suas tradições, além de adquirir habilidades práticas que podem ser aplicadas em atividades sustentáveis como artesanato, agricultura familiar e culinária típica. Esta formação não só promove o conhecimento tradicional, mas também proporciona oportunidades de geração de rendimento e autonomia econômica para as mulheres da comunidade. Além disso, a iniciativa de preservar e valorizar a história das mulheres quilombolas também contribui para a promoção da igualdade de gênero.

As mulheres quilombolas têm ocupado cargos importantes na comunidade, participando de atividades de liderança e tomando decisões importantes para o desenvolvimento sustentável da região. Esta maior representação e participação das mulheres fortalece a sua autoestima, voz e influência em questões que afetam comunidades inteiras.

Nas comunidades, as mulheres desempenham um papel fundamental na transição de conhecimentos e tradições em diversas comunidades ao redor do mundo. Esse papel é especialmente significativo nas comunidades quilombolas, onde as mulheres têm sido as principais responsáveis por preservar e compartilhar a história, cultura e tradições de seus povos. Neste texto, evidenciamos e destacamos o papel das mulheres na circulação de conhecimentos e tradições.

As mulheres quilombolas são as guardiãs da memória coletiva de suas comunidades. Através da transmissão oral, elas contam histórias, lendas e mitos que atravessam gerações. Essas narrativas são fundamentais para a compreensão do passado e para a construção da identidade quilombola. São as mulheres que garantem que esses relatos sejam preservados e transmitidos às gerações seguintes, mantendo viva a história do povo quilombola.

Além disso, as mulheres também têm um papel crucial na preservação dos saberes tradicionais. Elas ensinam as práticas agrícolas, a produção de artesanato, a culinária típica e as técnicas de cura e medicina popular. Esse conhecimento, que é passado de mãe para filha, de vó para neta, é fundamental para a preservação da cultura quilombola e para a sustentabilidade das comunidades.

As mulheres são as principais responsáveis por garantir que esses saberes sejam transmitidos e que não se percam ao longo do tempo. Além da transmissão direta de conhecimentos e tradições, as mulheres quilombolas também desempenham um papel importante na transição indireta. Elas ocupam posições de liderança e protagonismo em suas comunidades, inspirando outras mulheres a se envolverem ativamente na preservação das tradições quilombolas. As mulheres são exemplos de resiliência, força e determinação, e através de seu exemplo, encorajam outras mulheres a se valorizarem e a valorizarem suas raízes.

Com as mulheres quilombolas não é muito diferente. Existem casos em que o espaço ocupado por mulheres na comunidade geram novas perspectivas, rompendo com a invisibilidade e retomando a história passada (SOUZA, 2014, p.9).

As mulheres possuem padrões de resiliência, determinação e força, pois através de seu exemplo, mostram para outras mulheres a se valorizarem e a valorizarem suas raízes. Nesse aspecto, Souza (2014) corrobora o entendimento de que a mulher é muito mais que uma função do lar que exerce.

Com as mulheres quilombolas não é muito diferente. Existem casos em que o espaço ocupado por mulheres na comunidade gera novas perspectivas, rompendo com a invisibilidade e retomando a história passada (Souza, 2014, p.9)

O autor é enfático ao afirmar sobre as mulheres Quilombolas, pois elas possuem e assumem cargos de liderança dentro da comunidade, responsabilidade e

respeito, desmistificando elas como submissas o longo da história contada por muitos livros.

Para as mulheres da comunidade Santo Antônio dos Pretos, a presidente Elzirene relatou sobre a valorização da sua história, da sua comunidade e das suas tradições que está se perdendo com o passar do tempo :

Eu queria tanto que a história da comunidade não ficasse no esquecimento do povo, aqui dava muita gente nos períodos do festo de Santa Bárbara ou de Santo Antônio ,vinha muita gente, muita mesmo, hoje aqui tá diferente, ainda vem das comunidades vizinhas mais de fora como era não, aqui veio gente até estrangeiro, sabia (risos), tenho medo da história dos meus ancestrais fica no esquecimento., o Terecô mesmo aqui as brincantes tem diminuído muito (Elzirene, 2022).

Na entrevista, Dona Elzirene relata suas danças que está perdendo força dentro da sua cultura. O Terecô é frequentado por menos brincantes, alguns já são falecidos e outros procuraram outros meios de sobrevivência, viajaram para outros estados em busca de melhorias pra sua família. Para Nunes (2018), a mulher é a principal protagonista da história da cultura afrodescendente, e apesar da invisibilidade continua sendo a esperança para gerações futuras.

No entanto, apesar do papel vital que as mulheres desempenham na transição de conhecimentos e tradições, elas ainda enfrentam muitos desafios. O racismo estrutural e a marginalização social afetam tanto a valorização de suas contribuições quanto a continuidade desses processos. As mulheres quilombolas são frequentemente marginalizadas e suas vozes e experiências são negligenciadas. Isso dificulta a transmissão dos conhecimentos quilombolas e impede que as tradições sejam preservadas e valorizadas.

Para superar esses desafios, é necessário promover a valorização das mulheres quilombolas e de suas contribuições. É fundamental investir na valorização da história e cultura quilombola nos materiais didáticos e no currículo escolar, garantindo que as vozes das mulheres sejam ouvidas e suas experiências sejam reconhecidas. Além disso, é importante que sejam implementadas políticas públicas adequadas e que sejam destinados recursos para a preservação das tradições quilombolas e para o fortalecimento das comunidades.

As mulheres quilombolas têm enfrentado diversos desafios no campo do ensino de história, seja como professoras, pesquisadoras ou estudantes. Essas dificuldades estão relacionadas a questões culturais, sociais e estruturais que impactam diretamente o acesso, a representatividade e a produção do conhecimento

histórico. Nas próximas quatro laudas, discutiremos alguns desses desafios e sua importância para uma educação mais inclusiva e plural.

Primeiramente, um dos desafios enfrentados pelas mulheres quilombolas no campo do ensino de história é a falta de representatividade nos currículos e materiais didáticos. A história oficial ainda privilegia narrativas eurocêntricas e masculinizadas, deixando de lado as contribuições e perspectivas das mulheres quilombolas na construção do país. Isso gera uma ausência de referências e exemplos positivos para as estudantes quilombolas, o que dificulta o seu engajamento com a disciplina e a sua identificação como protagonistas da história.

Outro desafio é a falta de formação adequada para as mulheres quilombolas que desejam se dedicar à área de ensino de história. A falta de acesso a cursos de formação continuada e de capacitação específica nesse campo limita a capacidade dessas mulheres de desenvolverem seu potencial como educadoras e pesquisadoras. É fundamental investir em políticas públicas que promovam a formação e a valorização profissional das mulheres quilombolas, oferecendo oportunidades de atualização e qualificação pedagógica.

Além disso, a invisibilidade das mulheres quilombolas na produção acadêmica e nos espaços de debate histórico é um desafio que precisa ser superado. A pesquisa e o conhecimento histórico são construídos a partir de perspectivas e experiências particulares, e a voz das mulheres quilombolas é fundamental para a compreensão plena da história do Brasil. É necessário criar espaços de diálogo e colaboração que incentivem a produção e a difusão do conhecimento que valorize a história das mulheres quilombolas.

Por fim, é preciso destacar a importância do reconhecimento das mulheres quilombolas como protagonistas na construção do conhecimento histórico. Essas mulheres possuem saberes e experiências únicas que podem enriquecer o ensino de história, proporcionando perspectivas plurais e mais contextualizadas. Promover a valorização desses saberes tradicionais e incentivar a participação das mulheres quilombolas na produção e disseminação do conhecimento histórico é essencial para uma educação mais inclusiva e representativa.

5 ALÉM DO PONTO FINAL: REFLEXÕES ACERCA DESTE ESTUDO

Ao concluir este texto, podemos afirmar que nosso objetivo em estudar a trajetória de vida das mulheres quilombolas da comunidade Santo Antônio dos Pretos foi alcançado. Para alcançar o propósito desejado, três mulheres quilombolas foram essenciais para a conclusão deste trabalho, relatando suas histórias cotidianas e contando as narrativas dos seus antecedentes que habitaram nesta comunidade. As narrativas das entrevistadas que foram essenciais para serem identificadas, pois, quem mais é sabedor dos seus dilemas do que as próprias mulheres, que indicam resistência e superação, agradam a elas por terem expostos suas informações pessoais, se colocando à disposição para contribuir para o andamento e conclusão desta monografia que contam suas histórias, e que futuramente contribuirão para adquirir mais conhecimentos e uma promoção no ensino de história.

Ao longo da realização e desenvolvimento desse trabalho foi possível englobada na dimensão do papel das mulheres quilombolas no ensino de história, notabilizando sua cultura, tradição e resistência dentro da comunidade quilombola de Santo Antônio dos Pretos em Codó. Está ratificado que a contribuição das mulheres quilombolas vai além da esfera doméstica e se estende para a área educacional, onde suas ações são essenciais para a preservação da cultura e da tradição quilombola. Elas mostraram no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa as iniciativas que elas mantêm em respeitar e contribuir com diversidade cultural.

Elas estão enfrentando nos desafios diários a valorização da sua cultura, dos resgates, memórias dos seus ancestrais e da história contada, com as atividades desenvolvidas dentro do ambiente escolar, fazendo a junção da história local por um fortalecimento das identidades quilombolas da comunidade.

Como pesquisadora e futura historiadora, desenvolvi minha primeira: Contribuição no âmbito da pesquisa, pude colaborar com registros das suas histórias, das suas resistências culturais e suas tradições, que foram mencionadas neste trabalho como ênfase principal. Espero que este trabalho valorize e empodere a essência das vozes e das histórias dessas mulheres que respiram superação.

Vimos que é crucial que políticas públicas e as práticas educacionais sejam executadas e fortalecidas. Para Garantir o reconhecimento e a valorização do contexto histórico e cultura das mulheres quilombolas no âmbito educacional. É contundente também que a comunidade quilombola de santo Antônio dos pretos e outras comunidades quilombolas, tenham seus direitos e a garantia para preservar e desenvolver a sua identidade cultural.

Como resultado, é necessário o progresso de inclusão e a configuração , das mulheres quilombolas nos espaços de argumentação e tomada de decisão, fortalecendo assim a sua voz e ação dentro da sociedade.

Portanto, encerro minha monografia sobre as mulheres quilombolas reforçando o merecimento, amplo, e o debate sobre a importância da cultura e da tradição quilombola no ensino histórico, de história, por uma valorização justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. Cultura popular e sociedade regional no Maranhão no século XIX. **Revista de políticas públicas**. São Luís, v. 3, n. 1, s/p, jan/dez.1999. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3672/1670>> Acesso em 25 jun. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 2016.

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 16.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm> Acesso em: 2 jun. 2022.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAETANO, Janaina Oliveira. **Dandara dos Palmares**: Uma proposta para introduzir uma Heroína negra no ambiente escolar. 2020.

CANTANHEDE FILHO, Aniceto. **Santo Antônio dos pretos e seu território**. São Luís: Relatório SMDH, 1997.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p.98-109, jan-abr de 2006.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo, atlas, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.**/Roque de Barros Laraia 22 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Har Ed., 2008.

MARANHÃO. **Documento Curricular do Território Maranhense.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. Disponível em: <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ma.pdf.> Acesso em 29 nov. 2023.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica:** guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MELLO, Joana Alice da Silva. **Lutas de mulheres camponesas:** O caso é a casa das quebradeiras de coco Babaçu de São José dos Basílio MA. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

_____. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

NUNES, G. H. L. **Mulheres negras em seus protagonismos:** paradoxos em relação ao gênero. Artigo apresentado Doutora em Educação pela UFRGS e professora adjunta do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/ UFPEL- Universidade Federal de Pelotas, 2018.

OLIVEIRA, Kelly de Almeida. **A docência entre “cofo”, “ o cacete” e o “ machado”:** como perceber saberes com quebradeiras de coco babaçu em processos de ensinos e aprendizagem. Belém/Pará. 2022.

OLIVEIRA, D. B. DE; SILVA, M. D. C. O Terecô na Comunidade Santo Antônio dos Pretos (Codó-MA): pertencimento religioso e resistência. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 209, p. 65-76, 25 out. 2008.

RATTS, Alex (Org.). Beatriz Nascimento: **Uma história feita por mãos negras.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RIBEIRO, Berta. **O índio na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: UNIBRADE-UNESCO, 1987.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 148 p

RIBEIRO, Katiúscia. MOREIRA JR. Valter Duarte. Análises e Reflexões Afrocêntricas acerca da educação filosófica. **Revista Sul-americana de filosofia e educação.** N.31 mai-out./2019. p.87-100. Disponível em: <
<https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28258>.> Acesso em: 20 ago. 2023.

RODRIGUES, Irá. Disponível em: <<http://Irá-poesias.blogspot.com.br>> Acesso em: 20 ago. 2023.

SOUZA, A.C. **Ensino de História e mulher negra**. Um olhar intersecssacional sobre as percepções estudantes em Conceição do Araguaia-PA. Dissertação de Mestrado em ensino de História-PROFHISTÓRIA. UFT, Campos de Araguaia, 2014.

TANEZINI, Teresa Cristina Zavaris. Escravidão e Capitalismo na “plantation” colonial. Rev. Raízes, Campina Grande, Ano XIII, nº 10, p. 01-18, dez. 1994. Disponível em: <<file:///C:/Users/UFMA/Downloads/raizesmin,+1.+Teresa+Tanezini.1-18.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2023.

VERDE. Ana Paula Reinaldo. **Projeto Quilombo, uma forma de resistência negra**. São Luís/MA. 2017.

APÊNDICES



APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS CODÓ-VII

TÍTULO: Mulheres quilombolas no ensino de história: Cultura, tradições e resistência na comunidade Santo Antônio dos pretos em Codó/MA

MONOGRAFIA: 2022-2023

ORIENTANDA: SHEILA CRISTINA RIBEIRO DA CRUZ

ORIENTADORA: Dra. KELLY ALMEIDA DE OLIVEIRA

Roteiro de Entrevista

Ficha de informações das entrevistadas

| | |
|---|--|
| Nome | |
| Idade | |
| Apelido | |
| Grau de escolaridade | |
| Estado civil | |
| Mora a quanto tempo na comunidade? | |

1. A senhora poderia me dizer seu nome completo e idade?
2. Há quanto tempo a senhora reside na comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos?
3. A senhora se considera mulher quilombola?
4. Quais são as principais tradições e cultura preservadas pela comunidade?
5. De que forma a resistência se manifesta na luta pela valorização da cultura e tradições quilombolas na educação?

6. Quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres quilombolas aqui na comunidade?
7. Como são desenvolvidas as práticas educativas relacionadas à história e cultura da comunidade quilombola Santo Antônio dos Pretos?
8. Qual é o papel das mulheres quilombolas na preservação e transmissão da cultura e tradição histórica na comunidade?
9. Quais são as estratégias utilizadas para garantir a participação e protagonismo das mulheres quilombolas no ensino de história?
10. Como você enxerga o futuro da educação quilombola e o papel das mulheres na preservação dessa proposta educacional?

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

| NOME | IDADE | Estado civil |
|--------------------------------|----------------|----------------------|
| Eralda Bayma Viana | 60 anos | Solteira |
| Maria dos anjos Salazar | 80 anos | Solteira |
| Elzirene Bayma Viana | 38 anos | União estável |



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CAMPUS CODÓ-VII

TÍTULO: Mulheres quilombolas no ensino de história: Cultura, tradições e resistência na comunidade Santo Antônio dos pretos em Codó/MA

MONOGRAFIA: 2022-2023

ORIENTANDA: SHEILA CRISTINA RIBEIRO DA CRUZ

ORIENTADORA: Dra. KELLY ALMEIDA DE OLIVEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As informações contidas nesta folha, fornecidas por _____ têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).